

Caderno de Cultura

Nódoa no Brim

ELENA: suicídio, perda e (re)começos.

Gabriel Garcia e Souza (UNEMAT)



Elena (2012) é um documentário brasileiro dirigido por Petra Costa e produzido pela Busca Vida Filmes. Elena nos traz à tona a dor da perda, intensificada pela pouca idade e pelo *modus operandi*, o suicídio. Sobretudo, o filme emana do luto e da tentativa de recuperar os pedaços das memórias presos aos diários e aos vídeos caseiros. O documentário é a busca incansável pela comemoração da vida, evitando que os resquícios materiais deixados por Elena após seu suicídio, tais como cartas, vídeos, fotos; caíssem no esquecimento. Para tanto, o cinema se mostrou como uma ferramenta crucial nessa rememoração, logo, pode-se dizer que, por meio do cinema, Elena foi ressuscitada.

A ideia do filme surgiu da necessidade de Petra encontrar um “livro da vida” para um trabalho do grupo de teatro que frequentava. Começou, então, a procurar seus diários que escrevia quando tinha doze anos e acabou encontrando um diário que Elena havia escrito. Segundo Petra, ela já havia lido alguns textos que pertenciam à irmã em outrora, no entanto, esse diário que encontrara levou essa proximidade a um patamar quase surreal. Ela se identificou com as paixões de Elena pela arte, suas inseguranças, a relação com os pais, a letra parecida. Petra havia encontrado o seu duplo, a sua vida já vivida.

Elena se classifica no gênero documentário em primeira pessoa, através do qual se busca uma intimidade maior com o objeto, captando a essência do narrado. Como o fato narrado só poderia ter acontecido com Petra e sua família, por conta da proximidade que se tem com o trato que foi dado ao documentário; *Elena* se define como uma narrativa intransferível, uma vez que Petra rememora a vida da irmã de acordo com as lembranças que tem dela, dando vida à Elena baseadas nas suas memórias individuais, para que, ao fim, construa a imagem-vida-personagem fundamentada no discurso do memorial coletivo, utilizando-se para tal, testemunhos dos que a conheceram.

Um enterro e outros Carnavais

Milton Hatoum

Recordei outros Carnavais quando fui ao enterro de d. Faride, mãe do meu amigo Osman Nasser. Quando eu tinha uns catorze ou quinze anos de idade, Osman beirava os trinta e era uma figura lendária na pacata Manaus dos anos 1960.

Pacata? Nem tanto. A cidade não era esse polvo cujos tentáculos rasgam a floresta e atravessam o rio Negro, mas sempre foi um porto cosmopolita, lugar de esplendor e decadência cíclicos, por onde passam aventureiros de todas as latitudes do Brasil e do mundo.



No fim daquela tarde triste — sol ralo filtrado por nuvens densas e escuras —, me lembrei dos bailes carnavalescos nos clubes e dos blocos de rua. Antes do primeiro grito de Carnaval, a folia começava na tarde em que centenas de pessoas iam recepcionar a Camélia no aeroporto de Ponta Pelada, onde a multidão cantava a marchinha *Ô jardineira, por que estás tão triste, mas o que foi que te aconteceu?* e depois a caravana acompanhava a Camélia gigantesca até o Olímpico Clube. Não sei se era permitido usar lança-perfume, mas a bisnaga de vidro transparente refrescava as noites carnavalescas, o éter se misturava ao suor dos corpos e ao sereno da madrugada.

Não éramos espectadores de desfiles de escolas de samba carioca; aliás, nem havia tv em Manaus: o Carnaval significava quatro dias maldormidos com suas noites em claro, entre as praças e os clubes. A Segunda-Feira Gorda, no Atlético Rio Negro Clube, era o auge da folia que terminava no Mercado Municipal Adolpho Lisboa, onde víamos ou acreditávamos ver peixes graúdos fantasiados e peixeiros mascarados. Havia também sereias roucas de tanto cantar, odaliscas quase nuas e descabeladas, princesas destronadas, foliões com roupa esfarrapada, mendigos que ganhavam um prato de mingau de banana ou jaraqui frito. Os foliões mais bêbados mergulhavam no rio Negro para mitigar a ressaca, outros discutiam com urubus na praia ou procuravam a

namorada extraviada em algum momento do baile, quando ninguém era de ninguém e o Carnaval, um mistério alucinante.

Quantos homens choravam na praia, homens solitários e tristes, com o rosto manchado de confetes e o coração seco.

“Grande é o Senhor Deus”, cantam parentes e amigos no enterro, enquanto eu me lembro da noite natalina em que d. Faride distribuía presentes para convidados e penetras que iam festejar o Natal na casa dos Nasser.

Ali está a árvore coberta de pacotes coloridos; na sala, a mesa cresce com a chegada de acepipes, as luzes do pátio iluminam a fonte de pedra, cercada de crianças. O velho Nasser, sentado na cadeira de balanço, fuma um charuto com a pose de um perfeito patriarca. Ouço a voz de Oum Kalsoum no disco de 78 rpm, ouço uma gritaria alegre, vejo as nove irmãs de Osman dançar para o pai; depois elas lhe oferecem tâmaras e pistaches que tinham viajado do outro lado da Terra para aquele pequeno e difuso Oriente no centro de Manaus.

Agora as mulheres cantam loas ao Senhor, rezam o Pai-Nosso e eu desvio o olhar das mangueiras quietas que sombreiam o chão, mangueiras centenárias, as poucas que restaram na cidade. Parece que só os mortos têm direito à sombra, os vivos de Manaus penam sob o sol. Olho para o alto do mausoléu e vejo a estrela e lua crescente de metal, símbolos do islã: religião do velho Nasser. É um dos mausoléus muçulmanos no cemitério São João Batista, mas a mãe que desce ao fundo da terra era católica.

Reconheço rostos de amigos, foliões de outros tempos, e ali, entre dois túmulos, ajoelhado e de cabeça baixa, vejo o vendedor de frutas que, na minha juventude, carregava um pomar na cabeça. A cantoria cessa na quietude do crepúsculo, e a vida, quando se olha para trás e para longe, parece um sonho. Abraço meu amigo órfão, que me cochicha um ditado árabe:

Uma mãe vale um mundo.

Daqui a pouco será Carnaval...

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-S-DIA DA NOTÍCIA | ISSN 2238-6467



Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários



EDITORES

Walnice Vilvalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wldiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

ELENA: suicídio, perda e (re)começos.

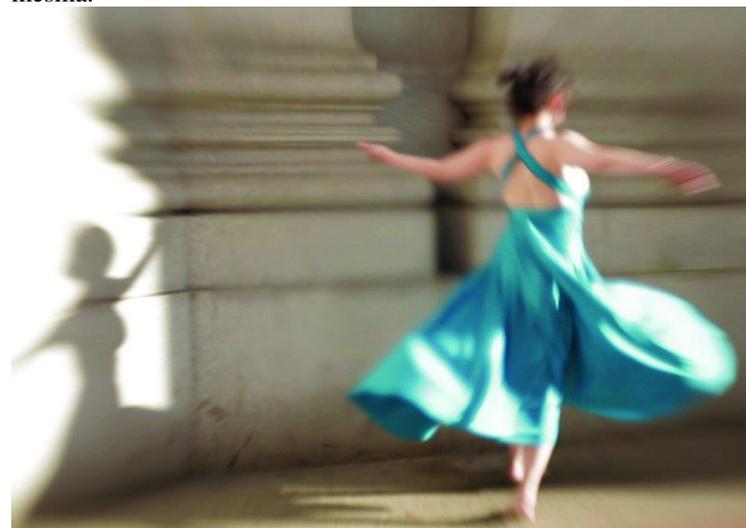
Gabriel Garcia e Souza (UNEMAT)

termo entre o sucumbir e o se redimir.

Petra é inserida no passado de Elena para “trazê-la de volta” ao presente como forma de superar a dor da culpa e da perda. Quando Petra revive sua irmã, a diretora se põe diante de uma ferida aberta no peito da família, se posiciona diante do impedimento da mãe em rememorar uma parte tão dolorosa, enfrenta e revive toda a angústia que, ao fim, constitui a poeticidade do filme. Ao assumir o compromisso de recordar o passado de Elena, Petra assume não só o seu processo de cura, mas a libertação de toda a família.

A característica da narrativa indizível reside na situação traumática pela que passou o narrador do fato. A história de Elena é tão intensa que se torna propriamente uma ferida na memória da família, uma memória de um passado que não passa. Essa memória quando reconstruída por meio do testemunho é revivida, ou seja, se torna novamente presente.

Petra mergulhou na história de Elena e, conseqüentemente, na sua própria e na de sua família, para que delas pudesse extrair e trazer à tona o máximo da memória individual de sua irmã. Revivê-la. Comemorá-la. Posto que, antes do filme, as únicas coisas que Petra sabia de sua irmã, eram filtradas pelas memórias de sua mãe. Lian, mãe de Petra e Elena, fazia comparações entre o que suas filhas faziam, desse modo, Petra se conheceu como uma parte de Elena que havia ficado para recontar sua história ou ainda preencher esses espaços em branco que havia na relação das duas irmãs. Contudo, durante a produção, Petra entrou a fundo no filme e Elena deixou de ser esta sombra, um ser bidimensional, para virar uma pessoa complexa, densa, com diversas facetas. Ganhou uma irmã para depois perdê-la novamente, pois Elena não em seu estado físico se foi, o que restaram foram estilhaços de um passado familiar que pulsa nas memórias de Petra. No entanto, essa perda ao final do filme é restauradora, possibilita à Petra uma certa libertação, oriunda do próprio ato de conhecimento, pois passa a conhecer melhor a irmã, a própria mãe e principalmente a si mesma.



Quando Petra sai em busca de reconstruir as lembranças do passado da irmã, ela vai à Nova York, retracando os caminhos percorridos pela irmã, com o intuito de se tornar ainda mais íntima do seu objeto dando-lhe a confiabilidade da narrativa intransferível. A reconstrução da memória se configura nessa busca incansável de Petra pela irmã. Ela vai à uma Nova York onírica, onde luzes, *flashes*, texturas e paisagens se misturam, no intuito de fazer-nos mergulhar no universo de Elena. O filme nos diz da releitura das memórias do morto, são os registros em vídeos feitos pela própria Elena e suas cartas que sustentam o filme dirigido por Petra, que ganha novo aspecto memorialístico quando as imagens e trilha sonora são escolhidas a dedo por Petra.

A relação estabelecida entre o sujeito narrador, encarnado em Petra, e o objeto narrado é uma das coisas mais tocantes do documentário *Elena*. Há todo um jogo de imagens, sons, *flashbacks*, texturas e paisagens que deixam claro essa afinidade entre as duas entidades da narrativa, o narrador e o narrado. Essa união tem como objetivo nos mergulhar em todos os espaços íntimos em que Elena passou, mostrando e reafirmando a ligação entre as irmãs.

Segundo o viés psicanalítico, *Elena* pode ser considerado como a materialização da tríade uma vez proposta por Freud: recordar-repetir-elaborar. Essas três ações denotam a verbalização e, conseqüentemente, a transferência de fatos de um paciente a um profissional. A transferência, então, cumpre um papel de apaziguador entre a doença e a vida, e o manejo dela deve ser feito com cautela. *Elena* afirma-se como essa transferência, tornando-se uma zona intermediária entre a doença e a vida, ou seja, um meio

A vontade de despir Elena desse invólucro quase inominável que a envolve reside no desejo de se autoconhecer. Elena pulsava dentro de Petra desesperada em sair. Elena a consumia por dentro. Dessa forma, era preciso resgatar a memória de Elena, dar um lugar a Elena fora, para que Petra pudesse se saber – existir. Era preciso dar um corpo a Elena para que Petra descobrisse os contornos do seu.

Elena é uma produção que, a partir de sua própria estruturação e de seu motivo criador, explícita como a arte tem se dedicado a problematizar e revelar a condição sensível, complexa, sentimental do ser humano, indicando, dessa forma, que o humano, a vida humana, requerem um trato cuidadoso e especial. Requerem projetos sociais que incluam e reconheçam as variadas necessidades dos seres.

Arrival: linguagem, tempo e realidade científica numa ficção cinematográfica

Eduardo Fonseca de Souza (UNEMAT)

nesse procedimento que a protagonista da história, de personalidade séria e calma, Louise Banks, linguista, tradutora e professora de universidade é contratada como uma das principais pessoas a ter contato direto e tentar decifrar a língua dos alienígenas, juntamente com Ian Donnelly, um profissional das ciências exatas com personalidade prepotente e teorias orgulhosas. Durante todo filme, acompanhamos a jornada de Louise como profissional confiado a decifrar uma linguagem desconhecida e possivelmente o futuro do planeta, em meio a uma desconhecida crise depressiva e flashbacks de um passado que se mantém confuso até seu revelar ao final da história. O filme possui uma sensatez no roteiro que pode surpreender o telespectador por conta da abordagem que faz com o elemento “extraterrestre”, o qual pode ser facilmente subestimado e/ou desvalorizado, por conta de seu histórico em histórias ligadas ao universo fantástico; compreensível relação, pois a existência de seres de inteligência fora de nosso planeta ainda é uma cautelosa suposição científica. Em todo caso, **Arrival** não é somente uma bela e complexa obra que deleitaria discussões teóricas, é também uma incrível obra do cinema norte-americano que deixaria qualquer cinéfilo satisfeito, especialmente os amantes de filmes sci-fi e relacionados à astronomia.



Arrival é um filme de ficção-científica lançado em 2016 que narra um momento histórico da sociedade moderna do planeta Terra no qual, pela primeira vez, alienígenas aterrissam suas naves na superfície em vários pontos do nosso planeta e, supostamente, tentam contato. Munidos dessa suposição, as forças de defesa dos grandes governos da Terra tentam, por meio de grandes equipes de profissionais, efetivar esse contato com os seres do desconhecido. É

Livro de Cabeceira **Insubmissas lágrimas de mulheres**

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira (PPGEL/UNEMAT)

O livro **Insubmissas lágrimas de mulheres** (2016), apresenta uma coletânea de contos escritos por Conceição Evaristo, a qual exhibe as experiências ímpares de treze mulheres negras ao traçar uma linha tênue entre a ficção e a realidade de “corpos-mulheres-negras em vivências”. É interessante pensar na escolha da autora por treze protagonistas, já que na Antiguidade, este número foi considerado de mau agouro. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 902-903). Porém, conforme destaca os autores, também aponta para um recomeço, a projeção de uma nova mulher.

O título da obra já é um convite à leitura, pois instiga o leitor a pensar o que guarda as páginas de um livro que apresenta como palavra principal *Lágrimas*: “gota que morre evaporando-se, após ter dado testemunho: símbolo da dor e da intercessão”. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2015, p. 533). Além disso, vem antecedida do adjetivo insubmissas porque tratam-se, as lágrimas, de gotas d’água salgada que surgem espontaneamente pelos rostos das protagonistas, de forma desgovernada, contra vontade, incitadas por desamores e injustiças vivenciadas. Portanto, metáfora das inúmeras trajetórias das personagens.

Em cada uma das narrativas percebe-se a indomável história das figuras femininas, mulheres negras que, inconformadas com os seus destinos, ousaram inverter as trajetórias de vida e protagonizar suas histórias. São mulheres e enredos diferentes narrados com a subjetividade, a riqueza de detalhes e o encantamento das experiências, lutas, afetos e desafetos que viveram. Mesmo com todas as idiosincrasias presentes nas narrativas há uma narradora onisciente que percorre pelas vivências dessas protagonistas e as enlaça em irmandade por meio dos fios da ficção que fazem com que as narrativas se entrelaçam umas às outras, como em uma colcha de retalhos.

A estratégia narrativa supramencionada é assumida porque, talvez, como destaca a autora, a narradora tenha uma identidade irmã, um corpo-mulher-negra que, tendo vivido das mesmas experiências, é possuidora de uma consciência, uma história e uma delicadeza que contribui nos traços invisíveis das personagens que descreve. Conceição Evaristo, com uma linguagem poeticamente construída nos (des)limites entre as formas da escrita e da oralidade, enfatiza que, somente um corpo negro, corpo de mulher negra, poderia narrar com tamanha maestria as experiências existenciais destes outros corpos de mulheres.

A obra destina-se a todos que desejam aprofundar na

questão existencial que ronda a figura feminina nos labirintos entre o real e o ficcional, especialmente, sobre a empatia entre personagens que se diferem e irmanam, com seus corpos negros e a bravura e astúcia ao desafiar o destino. Conceição Evaristo no prefácio que vem sem a sua assinatura, salienta que quanto mais descreve estes enredos mais aumenta o fosso entre o vivido e o escrito e sublinha que estas narrativas não são apenas dela, embora em muito se assemelha. É assim que continua o projeto de traçar suas *escrevivências*.

